

## Narrativas autobiográficas de deficientes visuais congênitos<sup>1</sup>

Maria Elisa Caputo Ferreira\*  
Rosely Cecília Rocha de Carvalho Baumel\*\*

### Resumo

A pesquisa pretendeu identificar e investigar, junto ao público feminino e masculino com deficiência visual congênita, em Juiz de Fora, MG, as representações sobre corpo, diversidade, imagem corporal, auto-estima e vaidade. Optou-se pela investigação de relatos autobiográficos. Foram realizadas e analisadas 20 (vinte) entrevistas inicialmente, e depois destacadas 6 (seis) narrativas autobiográficas, selecionadas a partir das peculiaridades de cada entrevistado, cada um com sua lição de vida, destacada em sua singularidade. Concluiu-se que as pessoas pesquisadas passaram por um processo exaustivo de aceitação da própria deficiência. Se, por um lado, a cegueira vem acompanhada de angústias, incertezas e dificuldades variadas, por outro, estas circunstâncias levam os Deficientes Visuais a encarar as vicissitudes da vida com coragem, determinação e vontade de viver. No estudo, surpreendentemente, o corpo não foi abordado como fonte de preocupação e área de ênfase.

**Palavras-chave:** Educação. Deficiência visual. Corpo. Diversidade.

## Autobiographic narratives of congenital blind people

### Abstract

The research carried out in Juiz de Fora, MG, Brazil, intended at investigating, together with men and women who suffer from congenital visual impairment, how they felt about diversity, body image, self-esteem and vanity. The investigation of autobiographical accounts was the option for this study. Initially, 20 (twenty) interviews were analyzed and 6 (six) autobiographical accounts, selected from the peculiarities of each single interviewee – each one containing his/her single life lessons - followed suit. The conclusion reached is that the subjects had undergone an exhausting process of acceptance of their own impairment. If, on the one hand, the blindness comes with angst, uncertainties, and many difficulties, on the other hand, these circumstances lead the blind to face the ups and downs of life with courage, determination and will to live. Surprisingly, in the study the body was not approached at a source of concern or are which should be emphasized.

**Keywords:** Education. Visual Diversity. Body. Diversity.

\* Professora Doutora da graduação e pós-graduação *Latu-sensu* em Educação Física da UFJF.

\*\*Professora livre docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).

## Problematização

Este estudo teve, como público-alvo, os cegos congênitos, ou seja, aqueles que apresentam perda total de visão ou limitação visual a um grau tal que os impedem de apreender não só o mundo circundante pela visão como também os conteúdos ministrados nas escolas pelo sistema educacional comum. Vale ressaltar que esses indivíduos diferenciam-se daqueles que, apesar de sofrerem limitação na visão (visão subnormal), utilizam-na como receptores do ambiente externo, bem como no processo da aprendizagem acadêmica.

O esforço empreendido, neste trabalho, teve como objetivos: a) investigar junto ao público feminino e masculino com deficiência visual congênita no Município de Juiz de Fora/MG e Zona da Mata Mineira, as representações sobre a vida, deficiência, corpo e diversidade; b) identificar até que ponto a deficiência afeta esses indivíduos no decorrer de suas vidas.

A pesquisa foi desenvolvida em duas dimensões: análise do referencial teórico e pesquisa de campo.

A primeira dimensão, ou seja, a pesquisa teórica, foi realizada a partir do levantamento bibliográfico preliminar de temas pertinentes e buscou, na Antropologia, o rompimento das tradicionais amarras teórico-metodológicas para iniciar o estudo bibliográfico. Ao longo do trabalho, os estudos foram ampliados e aprofundados à medida que outras obras foram consideradas em virtude da importância e da relação com o tema investigado.

A segunda dimensão, ou seja, a pesquisa de campo, foi feita a partir da análise e discussão de entrevistas que tiveram, como base, as narrativas autobiográficas dos próprios sujeitos sobre o impacto da deficiência visual em suas trajetórias individuais. A opção por esse tipo de metodologia é uma consequência da natureza do objeto da pesquisa e do referencial teórico adotado.

## Metodologia

Para atingir o objetivo da pesquisa, optou-se pela investigação de relatos autobiográficos. A análise do referencial teórico sobre a autobiografia foi feita a partir de levantamento preliminar de temas que foram ampliados e aprofundados ao longo do trabalho. Dentre alguns autores que embasaram este estudo, podem ser citados: Thompson (1992), Ortega e Gasset (1998), Bruner (1997), Snyders (1995), Bosi (1994), Soares (1991), Baktin (1992).

A amostra foi constituída por 20 (vinte) adultos, Deficientes Visuais Congênitos, de ambos os sexos, com idades que variaram de 22 (vinte e dois) a 52 (cinquenta e dois) anos.

Foram realizadas entrevistas, transcritas e analisadas na íntegra. Na primeira parte da entrevista, foram levantados dados pessoais, em que foram

coletadas as seguintes informações: motivo da deficiência, sexo, local de nascimento, origem social, idade, estado civil, existência ou não de filhos, escolaridade, profissão dos sujeitos, profissão dos pais e posição na família de origem.

Na segunda parte, foram levantadas questões relacionadas: a) a hábitos de vida diária (tarefas que desempenha, independência, como o Deficiente Visual vê a vida, escolha de roupas); b) às principais recordações e aos tipos de envolvimento com a família e os grupos de iguais durante a infância, adolescência e vida adulta; c) ao balanço dos efeitos da deficiência visual: as marcas percebidas na sua trajetória de vida; d) às relações entre o universo familiar, o ambiente e a cultura onde viveu, bem como às características e influências da família de origem na sua vida, formas familiares de cultura; e) às condições e disponibilidades econômicas; f) à ordem moral doméstica, formas de autoridade familiar de investimento na auto-estima; g) à formação (grau de escolarização, tipo de escola que frequentou: pública, particular ou ambas, faculdade que cursa ou cursou uma graduação); h) à experiência profissional (características de seu emprego atual, cargo ocupado, tarefas que desempenha, tipo de experiência na função, carga horária semanal). Além disso, procurou-se saber como esse indivíduo com deficiência visual congênita percebe e sente o próprio corpo e como constrói a imagem corporal e associa a ela representações sobre auto-estima, vaidade e diversidade.

Assim, ao se considerar o desenvolvimento humano, é possível perceber que um de seus aspectos mais importantes é, certamente, as muitas possibilidades humanas: a existência de diferentes grupos de pessoas e a heterogeneidade dos sujeitos – todos com seu aspecto singular, absolutamente único em sua configuração de características próprias.

Destaca-se que, neste estudo, foi possível entrar em contato com os 20 (vinte) sujeitos entrevistados, ricos personagens que falam por si próprios em suas lembranças interessantes e riquíssimas, trazendo, em suas narrativas, o fluxo das lembranças e o estilo de cada narrador, descritos a seguir. É importante esclarecemos que os nomes utilizados são nomes fictícios.

### **Análise dos dados**

A amostra constituiu-se de 20 Deficientes Visuais Congênitos, com idades que variaram entre 22 e 52 anos, dos quais 45% eram do sexo masculino e 55%, do sexo feminino.

Apesar da defasagem de três décadas, podem ser considerados autênticos representantes de uma geração que nasceu nas décadas finais do século XX, um período marcado por significativas transformações no campo das artes, do comportamento, da educação, e principalmente, da discussão voltada para a diversidade e participação social das pessoas com deficiências.

Quanto ao local de nascimento, percebeu-se que muitos dos sujeitos da pesquisa vieram de outras localidades em busca de abrigo na Associação dos Cegos de Juiz de Fora, embora a maioria fosse do interior do Estado de Minas Gerais. Todos, sem exceção, no entanto, vieram de cidades pequenas e com poucos recursos.

Depois que eu cheguei na cidade, eu fiquei medrosa. Na roça, eu era mais corajosa. Cidade grande...uma nova adaptação, tudo diferente... aí eu me dei conta que eu era cega! Eu tinha 29 anos. (Vera, 43 anos)

Com relação à moradia, é importante destacar que muitos (45%) ainda vivem na Associação dos Cegos e dependem dela para sua subsistência, fato que ressalta a importância dessa Instituição para os sujeitos entrevistados. Os demais (55%) moram com as famílias, destacando-se duas famílias em especial: numa delas, encontram-se três irmãos e, na outra, três irmãos e o marido de uma das entrevistadas. Todos são cegos, sem nenhum resíduo visual.

Para os meus pais, era normal termos três Deficientes Visuais e um deficiente Mental em casa, pois era tudo “do jeito que Deus queria e mandava.” Meu pai era uma pessoa muito simples e nunca tinha lidado com um cego. Minha mãe [...] não sabia o que fazer... (Regina, 34 anos, é a sexta filha de uma família de 8 irmãos, dos quais quatro eram deficientes)

É importante destacar que, ao serem analisados a profissão e o grau de escolarização dos pais desses Deficientes Visuais Congênitos, fica clara a influência da falta de informação dos mesmos em relação aos casamentos consanguíneos e suas conseqüências. A grande maioria dos pais (70%) eram lavradores e trabalhadores rurais, portanto pessoas com pouco conhecimento cultural e pouca, ou quase nenhuma, escolaridade.

Com relação à causa de deficiência, muitos não sabiam explicar o porquê da deficiência visual (25%). Um número significativo de sujeitos apresentou a catarata congênita como responsável pela cegueira (35%). E os outros (40%) apresentaram causas variadas para a cegueira, como retinose pigmentar, problema hereditário, atrofia do nervo ótico, meningite e rubéola da mãe. Uma das entrevistadas, Cleide, 31 anos, declara a dificuldade de sua família em aceitar o diagnóstico de “Paralisia cerebral congênita” com retardamento mental:

É, você imagina como meus pais ficaram, em especial, a minha mãe. Eu tenho esse diagnóstico por escrito lá em casa. É, mas minha mãe não aceitou esse prognóstico e sempre me estimulou. Ela relata que julgava que esse médico fosse doido e avaliou por si mesma que eu só não enxergava. Procurou um outro neurologista, que

assegurou que eu não tinha (como não tenho até hoje), nada de neurológico.

Com relação à classe social, observou-se que a maioria dos Deficientes Visuais Congênitos se origina da classe social baixa, o que foi constatado pelos relatos dos sujeitos. Esse fato pode ser comprovado quando eles descrevem suas famílias e a forma como passaram suas infâncias.

Então, eu lembro... lá na minha terra, a gente... nós não tinha nada de conforto, eu morava em uma casinha de pau, aquelas tábuas... fogão de lenha, não tinha água, não tinha luz, não tinha nada. Então, a gente tinha que andar, eu pegava uma vasilha e ia pra mina. Eu pegava e passava com o pé no chão no carrerinho que tinha no meio do caminho, pegava a lata... Eu ia! ( Vera, 43 anos)

Pelos dados apurados com relação aos graus de escolaridade verificou-se que 50% dos Deficientes Visuais Congênitos não conseguiram completar o primeiro grau, devido a muitas dificuldades encontradas em suas trajetórias de vida. Muitos (25%) conseguiram completar o primeiro grau e somente 10% conseguiram terminar o ensino superior, com muitas dificuldades vividas e relatadas como a seguir:

Eu estudei, mas eu parei. Eu parei porque a minha mente, é assim, eu tenho um pouco de esquecimento, então, a minha mente, eu não consegui aprender o Braille, de jeito nenhum. Eu tentei, mas não consegui. (Rinalva, 22 anos)

Um outro aspecto interessante diz respeito à presença, no contexto escolar, das Instituições que figuraram em todos os discursos como determinantes: a Associação dos Cegos e uma Escola Municipal que alfabetizou, praticamente, todos os sujeitos da amostra pesquisada.

Eu estudei até... eu fiz o primário, com problema, eu tive que parar, mas eu consegui fazer o supletivo. Terminei História e Geografia do primeiro grau... Consegui concluir. Meu sonho era ser professora... é fazer Pedagogia, ser professora de primário... ou então era Comunicação. (Vera, 43 anos)

O exame do grau de escolaridade e do tipo de ocupação profissional dos membros das famílias de origem permite a observação de uma tendência presente em praticamente toda a amostra: a dificuldade de ocupação profissional e a dependência da pensão (85%) dos entrevistados dependem da pensão da Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS).

Os poucos que trabalharam (15%), como é o caso de Vera, 43 anos, fala com entusiasmo de sua atuação no mercado de trabalho, mas lembra com

saudades da época em que trabalhava em uma malharia, onde fez amigos, além de ter-lhe rendido a independência financeira de que tanto se orgulha:

O que mais gostei até hoje na minha vida foi minha independência financeira. Eu, eu trabalhei numa malharia. Eu fui dobradeira de 94 a 97. Porque locomoção é importante, mas andar na rua sem independência... a independência da gente, ela começa de dentro pra fora, infelizmente o mundo lá... a sociedade vê a independência de fora pra dentro. Que se a pessoa anda na rua, tem uma bengala na mão, que ela é independente... ele é totalmente independente...

Em várias passagens, os sujeitos mostram, com bastante clareza, as dificuldades em termos de condições materiais e de percalços enfrentados ao longo de suas trajetórias de vida. No entanto, o sacrifício dos pais e a luta pela sobrevivência parece ter contribuído positivamente para a construção da autoestima deles.

No que diz respeito à ordem moral doméstica vigente da maior parte dos núcleos familiares, é notável a presença de um marcante conjunto de princípios éticos e morais (como a honestidade, a perseverança, a obediência e a conformidade às regras estabelecidas) e sua consonância com a moral social e cultural vigente. Todos, sem exceção, mencionam que seus pais valorizavam e enalteciam esses valores. Os pais não questionavam nem reclamavam da deficiência dos filhos. Pelo contrário, aceitavam e respeitavam “a vontade de Deus.”

Fiquei revoltado por não enxergar quando eu era criança, mas depois, a Regina, minha irmã me ajudou, animou, mostrou que existem pessoas piores que nós e vi que isso é verdade. Considerei-me otimista a partir de 87. A fé me ajudou. (Hudson, 41 anos)

Do ponto de vista do exercício da autoridade, foi possível constatar a predominância de modelo de pais com bastante autoridade, respeitados e temidos pelos filhos, como se pode perceber no relato de Vera, 43 anos e sua irmã Joelma, 31 anos:

Ele no começo ele foi mais protetor, depois ele começou a aceitar... a gente andava de cavalo... ele ia pra roça, pro campo, pro gado... então ele falava pra minha mãe: Você tá criando essa menina igual um menino! Minha mãe fazia aquelas bermudinhas pra mim, ele me colocava na garupa e falava assim: vai pra direita. Vai pra esquerda. Oh! Tem um pau aqui, abaixa a cabeça! Aí eu abaixava. “levanta!” aí eu levantava. (Vera, 43 anos)

Em relação à distribuição dos sujeitos de acordo com o estado civil, observou-se que o percentual de Deficientes Visuais solteiros (80%) é quatro

vezes maior que o dos casados (20%), embora relatem que não têm problemas para fazer amizades e namorar ou “ficar” – como eles falam – e é comum em determinada faixa etária:

Não há dificuldade em namorar para mim. É uma coisa que tá difícil pro jovem em geral. Tá difícil namorar sério. É só ficar... É de bagunça... Risos...

Ressalta-se que, do percentual de entrevistados casados (20%), o número de respondentes sem filhos é substancialmente maior do que aqueles que os têm. Só três Deficientes Visuais, o correspondente a 15% da amostra, arriscou-se a ter filhos. Em alguns relatos, pôde-se perceber o medo que eles sentem de ter filhos com a mesma deficiência.

Eu não quis ter filhos não. É bom mas a gente nunca sabe... pode acontecer da criança nascer perfeita, mas pode acontecer que não. Então é melhor não arriscar. (Vera, casada, sem filhos, 43 anos)

Já para Regina, casar-se e ter filhos não se constituiu em problema, mas trouxe preocupação:

Casei e na época eu era muito inexperiente. Minha mãe no que ela pôde me ensinar ela me ensinou, mas sobre pílula não tinha muita experiência porque casei nova, comecei a tomar pílula, mas um dia tomava no outro esquecia. Engravidei com 3 meses de casada, todos acharam um absurdo, por não ter conforto, serviço, condições, cuidados com o bebê, mas a mãe disse que eu sabia cuidar de crianças pois sempre cuidei dos primos, sobrinhos, irmãos. Foi muito difícil porque achavam que as gêmeas não iriam sobreviver, a minha mãe achava também.

Os portadores de deficiência visual, freqüentemente, encontram um grande problema em relação ao contato com o mundo exterior, porquanto esse está em constante mudança, fazendo com que os Deficientes Visuais estejam sempre se reorganizando de forma perceptiva para conseguirem formar imagens mentais e estabelecerem contato com “seu mundo”. O organismo do ser humano inter-relaciona as necessidades internas com as circunstâncias externas por meio dos sentidos. Diante disso, pode-se afirmar que, quanto maior for o processo de reorganização perceptiva, menor será o efeito da deficiência visual.

A partir das vivências e experiências, encontramos relatos de abandono, de incompreensão, que são muito tocantes:

A minha mãe me abandonou aos 13 anos numa Instituição como essa, o São Rafael, que é um colégio para Deficientes Visuais em Belo Horizonte. Ela me colocou lá e nunca mais eu a vi, mas também eu não era muito bem tratada pela minha mãe não. Eu me lembro que minha mãe me maltratava demais mesmo. Ela deixava eu sem comer o dia inteiro e eu me lembro de ser muito pequenininha e com fome. (Rinalva, 22 anos, interna na Associação dos Cegos).

Também, há depoimentos sobre dificuldades superadas ao trocar o interior pela cidade:

Eu passava essas dificuldades de novo para estar no cursinho hoje, não ficava acomodado lá na roça não. Nada. Passava de novo. Agora tem a recompensa. Porque a gente vai assim..., a vida da gente principalmente deficiente visual tem muitas limitações. (Jairo, 29 anos)

A seguir, apresentaremos relatos de lucidez, perspicácia, sabedoria incomum, coragem, superação e bem-estar com a vida, exemplo de perseverança, otimismo

Tem coisas que vocês vêem eu não vejo. Mas existem coisas que a gente vê (no caso da gente que é DV) de um outro modo. E têm coisas que vocês não conseguem perceber da mesma maneira que nós, mesmo vocês tampando o olho. Por exemplo, eu consigo diferenciar qualquer um dos meus filhos pelo cheiro. (Regina, 34 anos)

Relatos como estes nos levam a pensar e refletir que cada pessoa, sem dúvida, possui identidade e auto-estima vinculadas à consciência corporal, típicas dos seres humanos que possuem funções psicológicas superiores, tais como imaginação, criatividade, representações mentais, capacidade simbólica, dentre outras. São múltiplos corpos, olhares e inúmeras imagens, identidades em interação. O corpo e a imagem corporal são processos subjacentes à formação da identidade. Assim, na constituição do sujeito, estão implícitas a evolução do corpo na sociedade e a construção da imagem corporal.

Diante desse quadro, confrontamos, no decorrer do trabalho, com a questão que tem estado muito presente e de modo intenso nossas investigações: o corpo e suas interações com a imagem corporal, com a consciência de si e com a sociedade. Vale salientar que a sociedade atual, neste momento histórico, valoriza um modelo de corpo padronizado que, culturalmente, convencionou-se ter que ser belo, novo, forte, útil e produtivo. Importa o espelho físico que reflete somente a aparência, onde não há espaço para diferenças individuais.

Somando-se ao que foi perguntado sobre a percepção do próprio corpo e do corpo do “outro”, Cleide relata como imagina que seja “um rosto” e, ainda, apresenta seus conceitos de bonito e feio do seguinte modo:

É, agora essa parte de corpo, de rosto, por exemplo eu imagino mais ou menos um rosto assim, padronizado, tipo assim, falando assim grosseiramente, dois olhos, duas orelhas, um nariz, uma boca, agora aquela forma que diferencia cada rosto dos 6 bilhões de rostos que existem.

Cumpramos ressaltar que as declarações de Cleide são pontuadas por lições de vida. Escutar uma pessoa dizer que “eu só sou cega”, sem dúvida alguma, suscita algumas reflexões. Num mundo onde prolifera um padrão de beleza amplamente difundido na TV, nas revistas, no cinema, nos desfiles, nos comerciais e que penetrou no inconsciente coletivo das pessoas, aprisionando-as a um estereótipo, é interessante notar o distanciamento de Cleide desse padrão, não por sua deficiência visual, mas por sua lucidez:

E eu não imagino um corpo, por exemplo. Se sou gorda, sou magra. Só se alguém me falar? Agora... eu não tenho essa curiosidade naturalmente. Pra mim, é uma pessoa, eu aprendi a ver as pessoas não como... Não pelo exterior, até porque esse é o mal maior desta sociedade, você ver a pessoa pelo estereótipo, você olha pra pessoa... Você julga, você pré-julga já pela imagem.

Assim, a partir desses depoimentos, pode-se perceber que, se houver solidariedade, respeito e compreensão por parte daqueles que vivem e convivem com o Deficiente Visual, ele poderá se integrar melhor em seu meio e desenvolver todas as competências dentro de suas possibilidades.

O momento atual aponta para a urgência de se encarar a interconectividade e a complexidade de paradigmas até agora bem definidos e limitados e que, no presente, misturam-se, forçando a intercessão de concepções já cristalizadas: bem e mal, bonito e feio, normal e anormal, comum e incomum, vantagens e desvantagens, produtivo e improdutivo, certo e errado, justo e injusto, forte e fraco, útil e inútil, novo e velho, igual e diferente... Essas noções deixam de ser pólos opostos para se entrelaçarem num emaranhado de “fios e nós” da rede que se constitui como realidade.

### **Considerações finais**

A pesquisa sobre o “enigma” que constitui a imagem corporal de Deficientes Visuais Congênitos foi analisada e (re)pensada a partir do “mergulho” nas autobiografias de adultos cegos. Ao analisar os relatos em suas múltiplas faces, foi possível retratar a realidade percebida sob vários ângulos, resgatar a história desses sujeitos, compreender suas relações com a sociedade, investi-

gar os mecanismos utilizados para ocorrer a inserção social, além de analisar as relações que apresentam entre corpo e suas interações com a imagem corporal.

Por meio de relatos autobiográficos, s entrevistados destacaram traços de sua trajetória de vida, de seu contexto familiar e, principalmente, avaliaram as implicações da deficiência visual congênita em suas vidas. O conjunto de narrativas obtido oferece, assim, um quadro rico das idéias, dos sentimentos e das aspirações dessas pessoas que trilharam caminhos singulares. Esses são testemunhos esclarecedores sobre o comportamento e as atitudes de pessoas especiais, capazes de apontar caminhos que permitem reconstruir um fragmento do que se pode observar e, sobretudo, analisar a respeito da construção da imagem corporal de pessoas cegas desde o nascimento.

Sem pretender apresentar uma síntese exaustiva, é possível apontar alguns aspectos que chamam atenção, embora muitos outros merecessem serem mencionados. Nas autobiografias dos entrevistados, foi recorrente a importância atribuída ao tipo de vivência e ao modo como a família lida com a deficiência, além de ter-se percebido o tipo de tratamento dado ao filho deficiente e a expectativa depositada nele desde criança: as possibilidades de interações com os outros, as experiências nos planos social, cultural e corporal promovidas ou possibilitadas pelo convívio familiar.

Em outras palavras, por meio dos relatos estudados, constatou-se que os efeitos da Deficiência Visual não resultam apenas da experiência individual, mas de uma série de outros fatores indissociáveis, relacionados ao contexto social em que a pessoa está inserida.

Dessa forma, pode-se afirmar que é preciso deixar de pensar o corpo numa perspectiva simplista e reducionista, para compreendê-lo sob uma ótica holística. A sociedade atual parece estar cristalizada e institucionalizada para lidar apenas com a homogeneidade, já que esta não coloca em xeque valores, princípios e, especialmente, hábitos tradicionais. Por conseguinte, percebe-se, com bastante clareza, que ela não se prepara para lidar com a diversidade.

Observou-se que as pessoas pesquisadas passaram por um processo exaustivo de aceitação da própria deficiência que os acompanha desde o nascimento. Se, por um lado, a cegueira vem acompanhada de angústias, incertezas e dificuldades variadas, por outro, essas circunstâncias levam os Deficientes Visuais a encarar as vicissitudes da vida com coragem, resignação, determinação e superação. Esse processo faz com que essas pessoas percebam a imagem corporal de maneira tranqüila e vivenciem o corpo de forma natural, o que, muitas vezes, é de difícil aceitação pelas pessoas videntes mais sujeitas a pressões sociais de consumo mercadológico.

Na pesquisa realizada, surpreendentemente, o corpo não foi abordado por nenhum dos participantes da pesquisa como fonte de preocupação e como

área de ênfase. Isso foi percebido durante o relato das autobiografias dos sujeitos, através do dito, do não-dito, das falas truncadas, dos silêncios, das pausas, da dificuldade em encontrarem palavras e explicações para o que não é explicável facilmente, quando se toca em sentimentos, emoções e razões que não foram, nem são claramente identificadas e, por isso, tornam-se difíceis de serem nomeados de maneira adequada.

A Deficiência Visual tem, para cada sujeito do grupo pesquisado, sentidos diferentes. Isso se deve ao fato de que o impacto da cegueira, nas diferentes trajetórias individuais, envolve questões complexas, dentre as quais destaca-se a origem social dos sujeitos (lugar de origem em que viveram, amigos que tiveram, episódios acidentais, interações com pessoas incentivadoras de seu desenvolvimento, papel da família, entre outros), além do investimento pessoal neles, a importância outorgada a cada qual, o tipo de expectativa depositada na criança, o reconhecimento de seu esforço e empenho para encarar as vicissitudes da vida. No entanto, a multiplicidade de fatores envolvidos na constituição do sujeito e o universo familiar parecem ter papel decisivo.

Finalmente, pode-se concluir que os dados obtidos com esta investigação apontam para a dificuldade de pressupor efeitos universais e homogêneos da cegueira congênita, porquanto esses estão correlacionados a uma série de fatores, especialmente ao tipo de experiência adquirida ou proporcionada pela família e às práticas sociais e culturais das pessoas que passam por essa vivência. Por essa razão, as interpretações dos relatos autobiográficos devem ser analisadas com cautela, evitando-se estabelecer generalizações precipitadas ou reducionistas.

Assim, ao examinar a deficiência visual congênita e seus desdobramentos, é preciso que se leve em consideração tanto o conjunto de fatores que ocorreram para a constituição da singularidade de cada sujeito quanto o uso que o indivíduo faz de suas experiências e vivências para o desenvolvimento dos muitos papéis que desempenha e representa na sociedade.

Os tópicos abordados permitiram integrar conceitos e, ao mesmo tempo, refletir sobre a complexa trama que se estabelece como um desafio para novos estudos e investigações de pesquisa. Existe, no entanto, a certeza de que muito se tem a aprender com essas pessoas com deficiência visual que aprendem a desenvolver o intelecto e a imaginação para enfrentar os desafios cotidianos.

### **Referências**

- BAKTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRUNER, J. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

*Maria Elisa Caputo Ferreira – Rosely Cecília Rocha de Carvalho Baumel*

ORTEGA, J. C.; GASSET, L. M. In: SEVCENKO, N. **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOARES, M. Metamemória: memórias. In: **Travessia de uma educadora**. São Paulo: Cortez, 1991.

SNYDERS, G. **Feliz na universidade**: estudos a partir de algumas biografias. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

#### **Notas**

<sup>1</sup> Recorte feito do Relatório de Pós-doutorado encaminhado ao CNPq e à Faculdade de Educação da USP. Área: Educação Especial. As entrevistas autobiográficas dos sujeitos da pesquisa foram encaminhados, junto com o relatório, para a biblioteca da Faculdade de Educação da USP.

#### **Correspondência**

**Maria Elisa Caputo Ferreira** – Rua Padre Frederico, 180, Bairro Santa Catarina, Cep: 36036-150 – Juiz de Fora (MG).

*E-mail*: caputoferreira@terra.com.br

Recebido em 21 de maio de 2009

Aprovado em 17 de setembro de 2009